

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Hoje

Class.: 378

Data: 01.11.80

Pg.: \_\_\_\_\_



O cacique dos Xavantes está impedido pela Funai em ir depor em Amsterdan

### Cacique Juruna, em Campinas:

# “Eu faço força pra segurar o meu ódio!”

A cabeça do chefe índio Mário Juruna está situada em cima de um corpo cor de cobre e forte, de mais de 80 quilos, com 39 anos de vida e a 1m74 de altura.

Essa cabeça está protegida por cabelos longos e pretos, escorridos sobre a nuca, mas fazendo uma curva em cima das orelhas — sempre descobertas e raspadas todo o mês, na sua tribo.

O rosto de ossos salientes, lábios grossos, narinas largas, boca com dentes não muito alvos, destacam os olhos negros, penetrantes, que fixam as pessoas com uma firmeza desconcertante.

A cabeça do chefe xavante Mário Juruna encerra também um cérebro que produz idéias com tamanha lucidez e inteligência, que desmoronam a lógica do homem branco.

Daquela cabeça saem argumentos tão lógicos, tão simples, tão verdadeiros como o exposto ontem à tarde, num apartamento de Campinas, momentos antes de um dos mais marcantes debates sobre o drama do índio brasileiro — realizado no sofisticado teatro do Centro de Convivência campineiro. Disse Juruna:

— “A Funai está sendo usada para acabar com o índio. Ela trata o índio como se fosse objeto, tira uma aldeia de sua terra e leva pra cá e pra lá. A Funai foi criada para proteger o índio, mas ela só protege o branco, o fazendeiro. A Funai devia ser a tutora do índio. Mas ela é uma madrastra!”

### Lampejos de ódio

Mário Juruna, chefe dos Xavantes na região de Barra do Garça, em Mato Grosso, estava bravo em Campinas. Sua linguagem é feita de “soquinhos”. As palavras são aspiradas. Não consegue pronunciar direito todas as palavras.

Os índios da “família” Jê não conseguem pronunciar as letras D, o G, o J. Assim, a palavra Governo sai “ioelhar”, tudo aspirado. Mas o som é forte, carregado.

Ele não estava de mau-humor. Estava bravo.

Desceu de um jato da Vasp em Viracopos e foi recepcionado pelo seu amigo antropólogo Cláudio Romero, um rapaz de 29 anos, de barba rui e que foi “expulso” pela Funai por estar auxiliando Mário Juruna. Junto estava Omar Landi Santos, antropólogo da Unicamp — e dono do apartamento onde Juruna conversou bastante com os repórteres.

Mas já na Kombi que o levou para o centro, começou a explicar o porquê da sua brava.

Distribui cópias de xerox, algumas cartas suas (ditadas para o sobrinho) e uma da Funai — a Fundação Nacional do Índio — tão ilógica quanto o próprio programa deste órgão governamental que deveria servir para proteger os índios.

“Eu faço força pra segurar o ódio”, diz Juruna.

### Na Holanda

Mário Juruna já criou “casos” incríveis para os homens da Funai. Com seu inseparável gravador, ele pega os homens da Funai pela palavra. Agora, essa carta da Funai é mais um “caso” — só que especial, um verdadeiro “caso internacional”.

O cacique Xavante foi convidado pelo respeitado Tribunal Bertrand Russel, com sede em Amsterdan, na Holanda, para servir de jurado no julgamento que pretende fazer dos crimes contra as raças indígenas do mundo inteiro.

O Tribunal já julgou a guerra do Vietnã, as ditaduras da América Latina, o genocídio dos judeus. Agora chegou a vez dos índios, e no tocante ao Brasil, vão analisar o extermínio da raça Aruak, do Alto Rio Negro, dos Nhambiquara e dos Yanomani.

Mário Juruna e o antropólogo Darcy Ribeiro deveriam fazer parte do conselho de Jurados. Deveriam. A Funai não quer deixar o chefe dos Xavantes sair do Brasil.

Diz a carta, em outras palavras, que por ser Mário Juruna de outra raça, ele não tem nada a ver com os Yanomani, com os Nhambiquara e nem com os Aruak. A Funai, portanto, não quer lhe fornecer passaporte.

Pior que isso. O chefe denunciou ontem, em Campinas, que a Funai está querendo desacreditá-lo junto às 21 aldeias Xavantes; em 7 reservas do Mato Grosso.

### “Minhoca na cabeça”

Mário Juruna é quem conta: — “Depois do convite do Tribunal, a Funai mandou um coronel chamado Anael sobrevoar todas as aldeias. Ele desce e questiona os chefes se eu represento a raça Xavante. Os mais velhos confirmam. Mas os mais novos estão sendo enganados. Estão querendo me queimar”.

O coronel Anael levou muitos presentes e promessas para as aldeias. Inclusive de doação de tratores. E conseguiu, em troca, um abaixo-assinado de alguns chefes desconsiderando Juruna como cacique.

— “Eles ficaram com minhoca na cabeça”.

Mas Juruna está quase que



Mário Juruna, muita lucidez

acostumado com o “jogo” da Funai. Conta que sua reserva era dividida pelo rio das Mortes. “Ninguém passava, senão morria”. Depois houve a “paz”.

— Eles jogavam, de avião, açúcar, roupas contaminadas com tuberculose, varicela (uma verdadeira guerra bacteriológica, como no Vietnã). Ai a gente se aproxima, não tinha mais jeito”.

Quando isso aconteceu Mário era ainda um “curumim”, um menino que ainda estava em estado puro. Daí o rio das Mortes mudou de nome: passou para “rio Manso”.

### Chorava com a tribo

Mário Juruna tem uma pasta tipo “executivo”. Dentro o gravador. No pulso, um relógio “seiko” e no outro, mais surpreendente, um bracelete de cobre desses usados por “executivos” pra aliviar a tensão. Ele não é alfabetizado. Dita as cartas para o sobrinho, mas assina embaixo seu nome, sempre nesses termos “assinado o chefe Mário Juruna”.

A última que mandou para o Ministério da Justiça está redigida de idêntica maneira como fala. Ele indaga:

— “Eles homens que trabalham na Funai são para o bem indígena? Maioria sim, outros não. Para que é que tem coronéis da reserva? Tem 10 coronéis, esses (que) já tinham prendido muita gente e maltratado. E agora vão maltratar a tribo? Já morreram nos últimos tempos seis (6) líderes indígenas. Quem é que pôs estes criminosos na cadeia?”

Ele foi aculturado aos 17 anos, pelos padres salesianos. Estava aprendendo a ler, quando se revoltou. “Os padres judiavam do índio. Se errava, eles faziam ajoelhar. Eu não gostava disso. Por isso não aprendi a ler”.

Ficou 5 anos trabalhando pra fazendeiro, até que voltou para a Aldeia Namuncurá, e assumiu a chefia na reserva de São Marcos.

— “Andei pelas aldeias e vi índio ser morto, tirado da terra onde tinha mata, caça. Os fazendeiros queriam a terra. E a Funai levava a tribo pro brejo. Fomos usados como instrumento. Em toda aldeia que ia, via índio morrer como animal. Eu chorava com a tribo. Nunca mais encontrarei índio feliz...”

Mário Juruna se aliou ao gravador, passou a frequentar Brasília, descobriu a imprensa. E começou a denunciar.

Como agora está fazendo em Campinas, e como quer fazer no Tribunal Russel na Holanda.

— “O Governo vai abrir a estrada (BR-364) no território Nhambiquara, no norte do Mato Grosso. Os índios vão ser exterminados. Vão construir a represa de Tucuruí, os índios vão ser transferidos pra perto da terra dos brancos. Eles vão morrer”.

Juruna quer demarcar suas terras, quer delimitar suas reservas, pra que o branco não entre. Por isso querem “queimá-lo”.

Um dia, junto com o antropólogo Cláudio Romero, foram cercados à noite numa estrada do Mato Grosso. Eram um fazendeiro e 4 jagunços. Eles estavam sozinhos. O homem prometeu matá-los.

— “Mário, você não tem medo?”, pergunta o repórter.

— “Pra quê ter medo?! Só tem medo quem é ladrão. Só tem medo quem não anda com a consciência limpa...”

João Batista Olivi